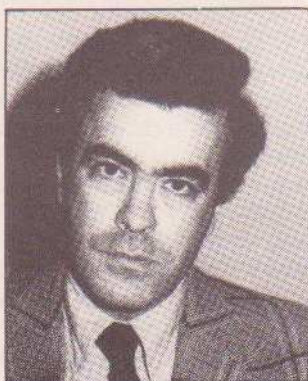
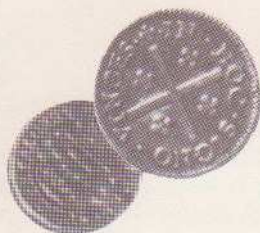


Moedas comemorativas de Portugal



Por
ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS



O fenómeno do coleccionismo nas modernas sociedades industriais tem merecido suficiente atenção de psicólogos e sociólogos, pelo que nos dispensamos de recorrer a demoradas explicações justificativas das causas da sua crescente popularidade e do elevado número dos seus cultores.

A diminuição do número de horas de trabalho, infelizmente associada a um cada vez maior nível de **stress** profissional, vieram dar origem a múltiplas expressões e formas de ocupação dos chamados «tempos livres», nelas se incluindo os passatempos genericamente designados por coleccionismo.

No caso particular das **moedas**, o facto do objecto de colecção ser, ou ter sido, **dinheiro**, fez associar aos estímulos acima indicados um outro, bem diferente, mas que nem por isso deixa de ser característico dos tempos modernos: o coleccionismo como forma privilegiada de capitalização, como investimento.

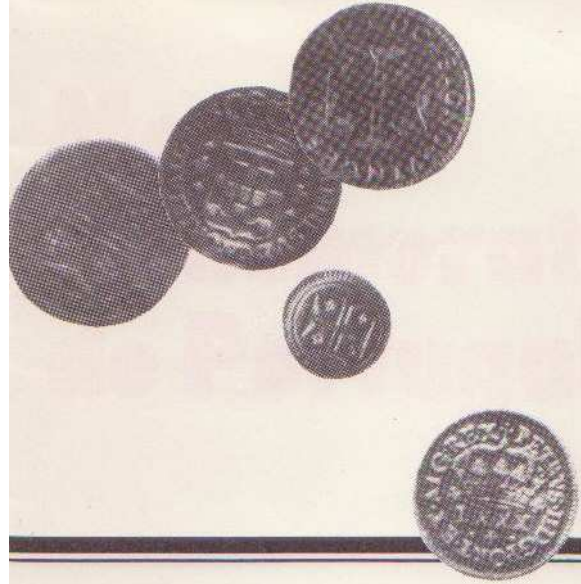
Ao invés do acto de **amealhar** — moedas ou notas em recipientes ou no fundo de uma gaveta — o acto de **coleccionar** pressupõe uma mentalidade peculiar, um espírito metódico, paciente e organizado, um objectivo concreto a atingir e, acima de tudo, uma grande estima pelos objectos a recolher, classificar, catalogar e conservar, pelo valor que, como dinheiro, possam ter representado.

Por outro lado, é bem sabido que qualquer colecção, bem organizada, valoriza-se constantemente face à actual erosão inflacionária da «moeda», e tanto mais, quanto maior for a raridade, o estado de conservação e o valor intrínseco das peças coleccionadas.

É o caso precisamente das moedas ditas **de colecção**, entre as quais merecem-nos particular interesse aquelas que exerceram funções comemorativas e que irão constituir, na parte das emissões portuguesas, o objectivo destes artigos. Para além de se tratar de um tema diferente dos usualmente publicados nesta revista, eventualmente de leitura mais amena, é nossa intenção também divulgar alguns elementos menos conhecidos sobre as moedas comemorativas de Portugal, cujo número de emissões permite já a formação de uma interessante colecção, com excelentes perspectivas de valorização.

A PRIMEIRA MOEDA COMEMORATIVA PORTUGUESA (1898)

Corria o ano de 1889 quando numa sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa foi aprovada uma proposta para que em 1897 se celebrasse dignamente o 4.º Centenário da partida de Vasco da Gama para a



Índia. Obtido o concurso da Câmara Municipal de Lisboa, bem como de várias associações culturais e científicas, tentou a Sociedade de Geografia obter também o empenhamento do Governo nessas celebrações, que se pretendiam de âmbito nacional.

Após cinco anos de redobrados esforços, conseguiu-se finalmente, por decreto de 15 de Maio de 1894, a nomeação de uma Comissão encarregada de preparar, organizar e dirigir os festejos de tão histórico acontecimento.

Coube a essa Comissão, presidida por Manuel Pinho Chagas, apresentar ao Governo o projecto e programa das celebrações, no qual constava, entre outros requisitos, a criação de uma série monetária especial, de moedas de prata, para, com o produto da sua emissão se acorrer às despesas gerais das celebrações.

Aprovada pelas Cortes Gerais, essa amoedação viria a ser sancionada por D. Carlos I pela Carta de Lei de 21 de Maio de 1896, a qual contemplava a emissão de três moedas de valores 1000, 500 e 200 réis, «Comemorativa da celebração do quarto centenário da partida de D. Vasco da Gama para o descobrimento da Índia» (art.º 1.º, n.º 1).

Vicissitudes de vária ordem incluindo, segundo narrativas da época, a falta de entusiasmo por parte do Governo, originaram que se chegasse às vésperas do Centenário sem que a respectiva celebração estivesse convenientemente preparada (característica, aliás, que teima em persistir nos hábitos nacionais...).

Em alternativa adiou-se a celebração para o ano seguinte, 1898, aniversário da **chegada** de Vasco da Gama à Índia, passando deste modo a celebrar-se o 4.º

Centenário da Descoberta da Índia, legenda que ornamenta o reverso das moedas então cunhadas.

Nasceram assim as primeiras moedas especiais, de carácter comemorativo, da numismática nacional, criadas com um duplo objectivo, financeiro e cultural: **acorrer às despesas inerentes da preparação e organização do centenário, e comemorar universal e perpetuamente esta celebração.**

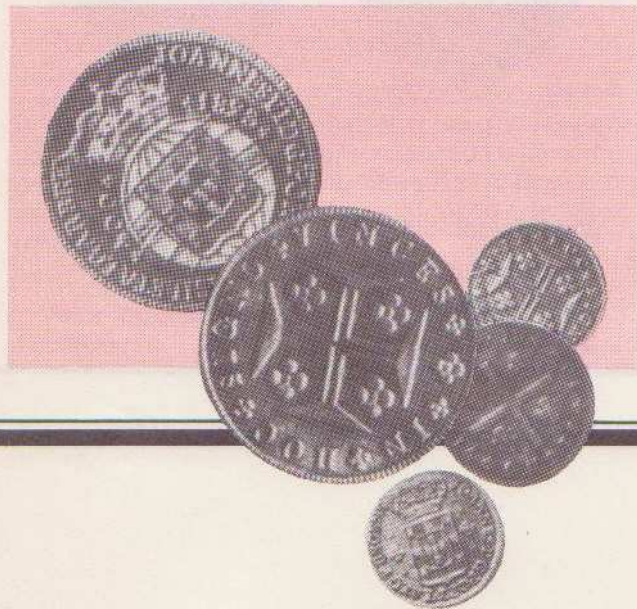
Desde então e até 1930, todas as emissões de moedas comemorativas portuguesas obedeceram ao esquema inicial delineado em 1894: como peças monetárias de prestígio, testemunhavam por todo o Mundo acontecimentos importantes da História de Portugal; como moedas, permitiam gerar fundos que financiavam as próprias despesas das diversas celebrações, sem ocasionar agravamentos do erário público ou dos contribuintes.

E actualmente, esquecida que estava esta lição durante mais de cinquenta anos, Portugal regressa pouco a pouco às origens das suas primeiras amoedações comemorativas. Em 1983 e por ocasião da realização da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, a emissão de três moedas comemorativas de prata permitiu gerar 262 000 contos de lucros de amoedação, integralmente utilizados na reconstrução e adaptação dos monumentos que serviram de núcleos exposicionais, como veremos num próximo artigo.

PRIMEIRO CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR (1910)

Já perto do final do reinado de D. Manuel II, projectaram-se três novas amoedações comemorativas, duas das quais chegaram a realizar-se: 1.º Centenário da Guerra Peninsular e Centenário do Nascimento do Marquês de Pombal. Quanto à terceira, que teria comemorado o Centenário do Nascimento de Alexandre Herculano (1810-1877), o diploma legal que a autoriza data de 25 de Julho de 1910, nunca tendo chegado a consumir-se.

As comemorações do 1.º Centenário da Guerra Peninsular (1808-1814), organizadas por deliberação do



FICHA TÉCNICA-1



Valor facial: 1000, 500 e 200 réis.
Metal e título: prata; 916,6‰.
Peso: 25 grs, 12,5 grs e 5 grs.
Amoedação: 300 000 ex., 300 000 ex. e 250 000 ex.

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa.
Data: 1898.

Gravador: Venâncio Pedro de Macedo Alves.

Descrição: Anv. — CARLOS I REI E AMÉLIA RAINHA DE PORTUGAL. Bustos conjugados, à esq. dos monarcas; o rei envergando farda, dragonas e condecorações, entre as quais se distinguem as da ordem militar da Torre e Espada e da Ordem Militar de Aviz.

Rev. — 4.º CENTENÁRIO DA DESCOBERTA DA ÍNDIA *(valor facial)*, entre circunferências penoladas. Ao centro a cruz da Ordem de Cristo, cantonada por florões e orlada pela inscrição IN HOC SIGNO VINCES *1498.1898*.

Valor numismático: 1974 — 1.300\$00 — 1984 — 5.000\$00.

próprio Governo, tiveram lugar desde 1908 em vários pontos do País, principalmente nos locais das principais confrontações armadas. Em 1910, ano das comemorações da Batalha do Buçaco, realizaram-se imponentes festejos, com simulação da Batalha e que deu origem à actual tradição das cerimónias evocativas no próprio terreno da refrega.

Por essa altura foram emitidas duas moedas comemorativas de prata, de 1000 e 500 réis, cujos proveitos líquidos foram aplicados, como em 1898, a custear as despesas com aquela solenização.

De escultura um tanto pesada, mas excepcionalmente gravadas, constituem a mais rara e apreciada colecção de moedas deste reinado.

CENTENÁRIO DO MARQUÊS DE POMBAL (1910)

A terceira e última moeda comemorativa da monarquia, emitida ainda em 1910, destinava-se a homena-

FICHA TÉCNICA - 3



Valor facial: 500 réis.

Metal e título: prata; 916,6‰.

Peso: 12,5 grs.

Amoedação: 400 000 ex.

Moedas comemorativas de Portugal

gear o primeiro Marquês de Pombal (1699-1782), por ocasião do Centenário do seu nascimento.

Esta moeda apresenta a particularidade de representar, pela primeira vez, o busto do homenageado, de reduzidas dimensões, mas enquadrado numa excepcional composição artística primorosamente gravada, rica de pormenores e de simbologia.

Com o advento da República, o numerário emitido em nome dos últimos soberanos portugueses foi sendo progressivamente retirado da circulação e substituído por nova moeda com valores em **escudos**. Contudo, no que diz respeito às moedas comemorativas, todas as leis monetárias da I República reconheceram o seu valor histórico, não lhes sendo aplicáveis essas disposições.

Foi só em 1931, com o Decreto n.º 20 392, de 14 de Outubro, que estas moedas foram finalmente retiradas da circulação, a par com as restantes de prata de 1 escudo, 50, 20 e 10 centavos emitidas de 1912 a 1916.

Tal demorada permanência em circulação permitiu a sobrevivência de muitos exemplares, testemunhos vivos e perenes de factos, figuras e celebrações de inegável significado na História de Portugal.

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa.

Data: 1910.

Gravador: Venâncio Pedro de Macedo Alves.

Descrição: Anv. – EMANUEL II *PORTG:ET*ALGARVES: REX*1910*. Efégie real à esq., tendo por baixo o nome do gravador.

Rev. – MOEDA COMEMORATIVA MARQUÊS DE POMBAL *500 REIS*. No campo, sobre uma nuvem, uma figura de mulher alada, sustentando uma coroa de louros sobre o busto do Marquês. À direita, o escudo das armas reais coroado, tendo por baixo uma palma.

Valor numismático: 1974 - 250\$00 - 1984 - 1200\$00.

FICHA TÉCNICA-2



Valor facial: 1000 e 500 réis.

Metal e Título: prata; 916,6%.

Peso: 25 grs. e 12.5 grs..

Amoedação: 200 000 colecções.

Oficina Monetária: Casa da Moeda de Lisboa.

Data: 1910.

Gravador: Venâncio Pedro de Macedo Alves.

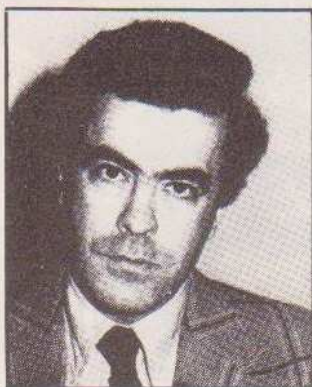
Descrição: Anv., EMANUEL *II* PORTUG: ET *ALGARVES: REX *1910*. Efégie real à esq., tendo por baixo o nome do gravador.

Rev. – CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR*(VALOR FACIAL)* Ao centro, escudo das armas reais coroadas, sobreposto a uma catela ornamental com um leão, de cabeça virada à esq., e com troféus uma lança cruzada com uma espingarda e uma peça de artilharia.

Sobre a coroa as datas 1808-1814.

Valor Numismático: 1974 - 2000\$00 - 1984 - 11 500\$00.

Moedas comemorativas de Portugal (2)



Por
Eng.º ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS



Poucos meses passados sobre a Revolução de 5 de Outubro de 1910 o governo provisório da República decretou a mudança da unidade monetária, que de **real** passou, em 5 de Maio de 1911, a designar-se por **escudo** (de ouro), equivalente a mil **reais** dos anteriores e com um peso legal de 1,8065 gramas (de toque 900 milésimos).

Acrescentaremos, apenas como simples curiosidade, que a paridade então estabelecida em relação à libra esterlina foi de uma libra ouro igual a 4,5 escudos ouro (actualmente uma libra esterlina já vale mais de 17 mil escudos).

Foram também criadas por essa lei de Maio de 1911, as novas moedas da República, de ouro (que nunca chegaram a cunhar-se), de prata e de bronze níquel, que entrariam em circulação desde meados de 1912.

A PRIMEIRA MOEDA COMEMORATIVA DA REPÚBLICA (1914)

Apesar de desde 1911 se ter pensado criar e emitir moedas comemorativas da proclamação da República, seria só em 1914 que viria concretizar-se essa oportunidade, tendo então o Congresso da República autorizado o governo a cunhar moedas de prata de

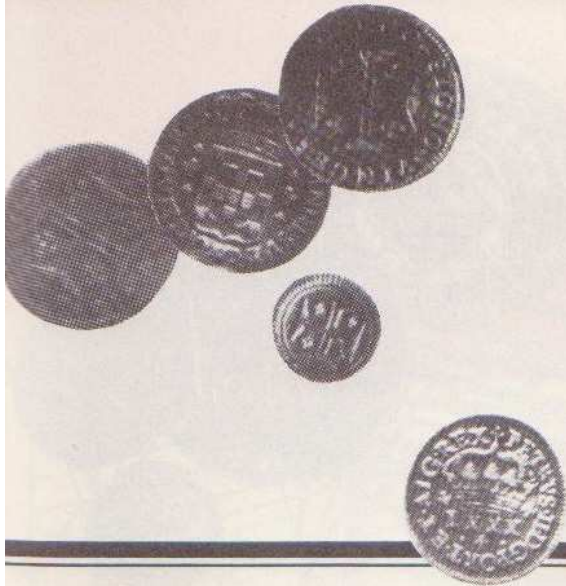
um escudo, cujo lançamento em circulação se pretendia coincidir com o dia 5 de Outubro de 1914.

De acordo com a lei que autorizou esta amoeção comemorativa, o seu correspondente **lucro** (calculado em 613.616\$00) ficaria reservado para as despesas da defesa nacional, devendo como tal ficar inscrito no orçamento das receitas do Ministério das Finanças para o ano económico de 1914/1915.

Esta primeira moeda comemorativa da República merece uma especial menção sob o ponto de vista artístico, pois que representa um interessante exemplo de «Arte Nova» na escultura numismática nacional, sem dúvida influenciada pela correspondente arte medalhística, que de França entrou em Portugal pela mão de dois dos nossos mais notáveis escultores, João da Silva e José Simões de Almeida (Sobrinho).

OITAVO CENTENÁRIO DA BATALHA DE OURIQUE

A segunda moeda comemorativa do regime republicano só seria emitida muitos anos depois, no intervalo entre as duas grandes guerras e, tal como na primeira, aparece ligada à necessidade de se levantarem fundos, que de outra forma representariam pesados encargos para o erário público.



Desde 1926 que uma comissão nomeada pelo Ministério da Guerra fica incumbida de propor e executar anualmente a comemoração da Batalha de Ourique, bem como proceder à execução de um monumento alusivo, em Vila Chã de Ourique, cujo custeio devia ser efectuado com os lucros de uma amoedação comemorativa, a qual iria também permitir «**que fique mais indelevelmente assinalado o heróico esforço do nosso primeiro rei e de todos os portugueses daquela época, que já assim manifestavam o valor da nossa raça**» (do Dec. n.º 15 386, de 18 de Abril de 1928).

Com um valor facial de dez escudos, esta moeda é justamente considerada como a mais bela moeda comemorativa portuguesa, apresentando uma composição equestre do rei fundador que rivaliza na mestria escultórica, na força expressiva e no pormenor de gravação com os afamados reversos do fundador da medalha renascentista, Pizanello.

Pena foi que tal excelente escultura de Simões de Almeida (Sobrinho), magistralmente gravada por Alves do Rego, não tivesse saído impressa em moeda de maior módulo com a do nosso primeiro escudo da República.

RENOVAÇÃO FINANCEIRA E RESSURGIMENTO NACIONAL

Foi ainda 1928 o ano que viu a chegada de um novo ministro das Finanças, dr. António de Oliveira Salazar, cuja obra à frente daquele Ministério, seria, onze anos mais tarde, objecto de um alargado debate na Assembleia Nacional e cuja integral publicação, dada à estampa pela Imprensa Nacional com o título «O problema monetário português nos seus aspectos interno e externo» (1947) constitui hoje uma das principais obras de referência à situação económica nacional do pós-República.

Como remate dessa discussão parlamentar, a última moção votada e aprovada, sugeria ao ministro das Finanças a cunhagem de moeda de ouro com as efígies do chefe do Estado, general Óscar Carmona, e do presidente do Conselho, dr. Oliveira Salazar, em dupla comemoração da reconstrução financeira de Portugal e do 8.º Centenário da Conquista de Lisboa aos mouros (1147/1947).

Desconhecem-se as razões por que tal amoedação nunca se efectivou; contudo, anos volvidos, ao completarem-se 25 anos da entrada de Salazar para o governo, foi finalmente autorizada a cunhagem de moedas de prata de um valor facial que apareceu então pela primeira vez no numerário nacional



FICHA TÉCNICA – 4



Valor facial: 1 escudo

Metal e título: prata: 835 %

Peso: 25 grs.

Módulo: 37mm

Amoedação: 1 000 000 ex.

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa

Data: 1914 (data da cunhagem); 1910 (data na moeda)

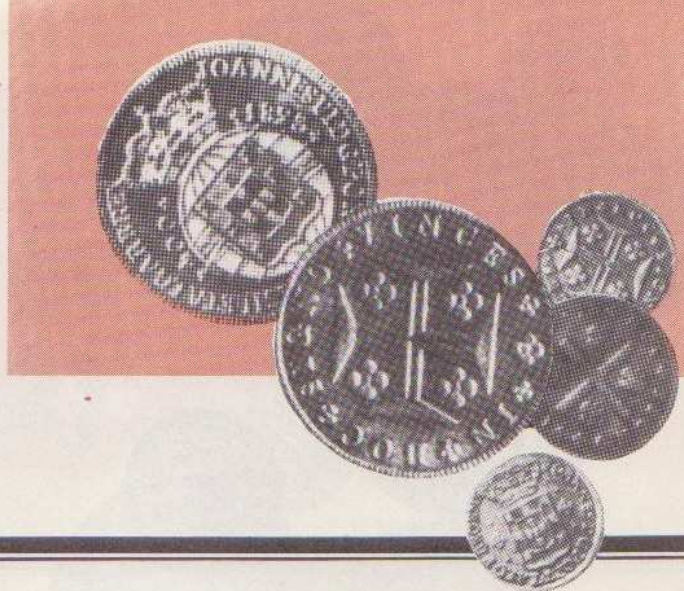
Escultor: José Simões de Almeida (Sobrinho)

Descrição: Anv. «República Portuguesa» — 5 de Outubro de 1910. Busto da República, à esquerda, empunhando um facho com a mão direita, braço estendido à frente, envolvido pela bandeira nacional.

Rev. — 1 Escudo. Armas nacionais, ao centro, circundadas por ramos de louro e de carvalho entrelaçados em baixo, e sobrepostas a um «fascio» romano de varas e machado.

Valor numismático: 1974 — 400\$00; 1984 — 3.500\$00.

Moedas comemorativas de Portugal



(20\$00) comemorativas da Renovação Financeira e do consequente «Ressurgimento» nacional, iniciados em 1928.

Tal como as moedas antecedentes, também esta merece uma análise atenta sob o ponto de vista artístico, não só por ser obra de outro grande medalhista e estatuário português, João da Silva como também

por ser o único exemplo da sua espécie na numismática portuguesa: uma moeda gravada de acordo com os mais tradicionais conceitos de arte da medalha, sóbria, clássica e austera nos seus traços, como austera era a figura do estadista que se pretendeu assim homenagear.

FICHA TÉCNICA – 5



Valor facial: 10 Escudos

Metal e título: prata; 835%

Peso: 12,5 grs.

Módulo: 30mm

Amoedação: 200.000 ex.

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa

Data: 1928

Escultor: José de Almeida Simões (Sobrinho)

Gravador: Domingos Alves do Rego

Descrição: Anv. – Comemoração da Batalha de Ourique – 1139, em caracteres góticos. Figura de D. Afonso Henriques a cavalo, empunhando espada e escudo em atitude triunfal, cabeça erguida e olhos postos no céu. Junto ao bordo inferior os nomes do escultor, Simões em relevo e do gravador, Rego gr, incuso.

Rev. – República Portuguesa – 1928, em caracteres góticos. Ao centro o escudo de armas de D. Afonso Henriques, corado e ladeado pelo valor facial «10 – Esc.».

Valor numismático: 1974 – 250\$00; 1984 – 1.700\$00.

FICHA TÉCNICA – 6



Valor Facial: 20 Escudos

Metal e Título: prata; 800%

Peso: 21 grs.

Módulo: 34mm

Amoedação: 1 000 000 ex.

Oficina Monetária: Casa da Moeda de Lisboa

Data: 1953 (cunhada em 1954)

Escultor: João da Silva

Descrição: Anv. – Renovação Financeira Ressurgimento, em anel circular. Ao centro uma figura feminina centrada e virada à esquerda, folheando um livro, simbolizando «o Estudo». No exergo, junto ao rebordo de separação, o nome do escultor João da Silva.

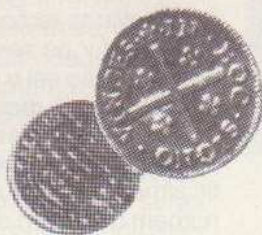
Rev. – «República Portuguesa» 1953, em anel circular. Escudo nacional parcialmente sobreposto à esfera armilar, ladeado pelo valor facial 20 escudos.

Valor numismático: 1974 – 80\$00; 1984 – 900\$00.

Moedas comemorativas de Portugal



Por
Eng.º ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS



POUCAS figuras de Portugal terão sido tão estudadas analisadas e divulgadas internacionalmente, como a do Infante D. Henrique (Porto, 1394; Sagres, 1460), quinto filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, duque de Viseu e 8.º mestre da Ordem de Cristo (desde 1417).

A história está feita e dela veio o cognome que o consagrou como «O Navegador»: hoje diríamos que foi, sobretudo, um «gestor de navegadores», cuja empresa, financiada pelos bens e poderio da Ordem de Cristo, revolucionou os conhecimentos da época e abriu uma nova Era na História da Humanidade.

Por ocasião das celebrações nacionais do 5.º centenário da sua morte, não podia Portugal deixar de homenagear este «Português de Ouro», o Homem e a sua Obra, e de facto fê-lo de maneira assaz completa e digna: foi instituída a Ordem do Infante D. Henrique, como galardão de elevada importância do Estado; foram criadas moedas comemorativas da sua pessoa, como documentos perenes de homenagem nacional.

E são, de facto, monumentos dignos da figura homenageada: três moedas de prata, de excepcional qualidade de gravação, constituindo uma das séries monetárias mais apreciadas pelos colecionadores.

No averso, o busto do Infante, a três quartos à esquerda, aparece retratado com mestria pela mão do escultor Marcelino Norte de Almeida (M. Norte), com base no retrato que do Infante existe no célebre manuscrito original da «Crónica da Guiné», de Gomes Eannes de Azurara, guardado na Biblioteca de Paris e

que esteve exposto no Museu de Arte Antiga, quando da XVII Exposição Europeia.

No reverso, as armas de Portugal renderam homenagem às armas do Infante, ladeadas pela sua divisa e tendo, a ladear o valor facial, duas folhas de carvalho com frutos, que a completavam.

«Talent de Bien faire...», ainda hoje uma lição e uma divisa a seguir.

FICHA TÉCNICA - 8



Valor facial: 20 escudos.

Metal e título: prata, .650.

Peso: 10 gr.

Módulo: 30 mm

Amoedação: 2.000.000 ex.

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa.

Data: 1966.

COMO UMA MOEDA DA LIÇÃO DE HISTÓRIA

Lição também, mas de outro tipo e, certamente, de outra dimensão, pode vir um dia a ser contada pela moeda comemorativa que se seguiu, emitida em 1966 e alusiva à inauguração da Ponte... (ponte quê).

Dêmos curso à imaginação, por momentos, e imaginemo-nos, daqui a 2000 anos, vestindo a pele de um interessado arqueólogo e historiador, que para o Século XX olha, como nós, hoje, olhamos para o Século I, para o que resta das gloriosas civilizações que dominaram o mundo...

Houve um tempo que ali, naquele pequeno território que se chamava Portugal e perto de uma já desaparecida cidade de seu nome Lisboa, uma ponte toda de aço ligava duas margens... Que atrasados, esses construtores do Século XX! Não conheciam, é óbvio, os segredos da transferência da matéria por feixes energéticos, nem, muito menos, os «cones de luz», as pontes do Século XL. Mas como se chamava essa ponte? Até devia ser importante, pois que sobre ela chegaram a cunhar uma moeda... Aqui está, na moeda: «Ponte Salazar - Lisboa - 1966».

E ao dizer «Salazar», o arqueólogo do futuro terá tido uma reacção muito semelhante, quem sabe, à que temos hoje, quando dizemos «Octávio Augusto», «Nero» ou «César»: são nomes que nunca morrerão, imortalizados que estão nos únicos documentos que, até agora, sobreviveram a todas as catástrofes e a todos os cataclismos - as moedas.

Daqui a 2000 anos quem se lembrará da «Ponte 25 de Abril»?

As moedas, por vezes, dão curiosas lições de história...

Escultor: M. Norte, sobre desenho do Arq. Martins Barata.

Descrição: Anv. «República Portuguesa» ao centro e interrompendo a legenda, uma vista da Ponte sobre o Tejo, ladeada por «Lisboa» e «Ponte / Salazar». No exergo, 1966. Junto ao rebordo, os nomes do autor do desenho, Martins Barata Dedl. (à esq.) e do escultor, M. Norte Sculp. (à dir.).

Rev. Escudo nacional, ao centro, tendo sobre o chefe uma flôr-de-liz, em campo de 16 quadrados inscritos na circunferência da moeda. Por baixo e em duas linhas, o valor facial.

Valor numismático: 1974 - 35\$00; 1964 - 350\$00.

FICHA TÉCNICA - 7



Valor facial: 20\$00, 10\$00 e 5\$00 (Escudos)
Metal e título: prata, .800 (20\$00); .680 (10\$00); e .650 (5\$00).

Peso: 21 gr.; 12,5 gr.; e 7 gr.

Módulo: 34 mm; 30 mm; e 25 mm.

Amoedação: 200.00 ex. (20 e 10\$00); 800.000 ewx. (5\$00).

Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa.

Data: 1960.

Escultor: M. Norte (Marcelino Norte de Almeida).

Descrição: Anv. «Quinto Centenário da Morte do Infante Dom Henrique» (Cruz de Cristo). Busto do Infante, a três quartos à esquerda; por baixo a era, 1960. Junto à truncatura do ombro direito, o nome do escultor M. Norte.

Rev. «República Portuguesa» e valor facial. Ladeado por folhas de carvalho com frutos. Ao centro, escudo do Infante, ladeado pelo moto «Talant de - bïe faire».

Valor numismático: 1974 - 625\$00; 1964 - 3350\$00.

Moedas comemorativas de Portugal



Por
Eng.º ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

SE a moeda alusiva à inauguração da Ponte Salazar constitui, já hoje, um interessante testemunho histórico, o mesmo não se poderá dizer do ponto de vista numismático. De facto a imposição de um valor facial relativamente baixo (20\$00), obrigando à fixação de modestas características intrínsecas (módulo 30 mm; peso 10 gr.), transformou uma peça comemorativa, que deveria ser de prestígio, numa quase insignificante moeda de prata ainda hoje pouco apetecida pelos coleccionadores.

Dois anos depois e desfrutando da experiência e das críticas feitas à moeda da Ponte, uma nova série de moedas comemorativas de prata iria surgir. Beneficiando de excelentes arquitectura e inegável valor artístico, constituem uma série de grande prestígio colecionista, mesmo a nível internacional.

CARACTERÍSTICAS COMUNS ÀS MOEDAS «CABRALINAS»

Valor Facial: 50\$00
Metal e toque: Prata; 650 milésimas.
Peso: 18 gr.
Módulo: 34mm
Oficina monetária: Casa da Moeda de Lisboa.

5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE PEDRO ÁLVARES CABRAL (1968)

Não deixa de ser interessante registar ter sido da iniciativa de um grande coleccionador e numismata, que primeiro chegou ao Ministério das Finanças a sugestão da emissão de uma moeda alusiva ao Centenário de Pedro Álvares Cabral, com o valor facial de 50\$00.

De facto, data de 17 de Novembro de 1968 a carta enviada pelo saudoso numismata José Oliveira de Sousa Nunes ao Ministro das Finanças, dr. João Dias Rosas, contendo aquela sugestão. Contudo e curiosamente, não seria essa a causa imediata da autorização ministerial dessa emissão, cujo despacho, de 4 de

FICHA TÉCNICA - 9



Data: 1968 (emitida em 1969)

Escultor: M. Norte de Almeida

Descrição: Anv. — «República Portuguesa» e valor facial, separados por uma cruz de Cristo entre dois florões. Ao centro, o escudo nacional corado, de recorte manuelino.

Rev. — «V Cent.º do nascimento de Pedro Álvares Cabral — 1968». Ao centro, o busto de Pedro Álvares Cabral, à dir., de barba capacete e paludamento, circundado por um ornato de estilo manuelino.

Na truncatura do ombro, o nome do escultor. M. Norte. Bordo serrilhado.

Valor numismático: 1974 — 65\$00; 1985 — 600\$00.

FICHA TÉCNICA - 11



Data: 1969 (emitida em 1971)

Escultor: M. Norte de Almeida

Descrição: Anv. - «República Portuguesa» e valor facial entre florões. Ao centro, escudo das armas nacionais.

Rev. - «Cent. do Nascimento do Marechal», a 3/4 à dir., de cabeça descoberta e uniforme. Do lado direito, o nome do escultor M. Norte Sculp.

No bordo a inscrição «Por Portugal d'aquém e d'além mar».

Valos numismático: 1974 - 100\$00; 1985 - 700\$00.

Dezembro aparece exarado sobre um ofício de 20 de Novembro, enviado pelo director da Casa da Moeda, eng. Abel Tavares Fernandes e contendo idêntica sugestão.

Coincidência ou convergência de iniciativas, quem sabe, estiveram assim na origem da criação da primeira moeda da série «Cabralina», que tão grande influência viria a ter no incremento e na popularidade do colecionismo numismático em Portugal.

Obtida a aprovação governamental, foi ainda por sugestão da Casa da Moeda que seria reproduzida a efígie de Pedro Álvares Cabral representada num medalhão dos Jerónimos, uma das raras iconografias conhecidas do homenageado.

Apesar de ter a era de 1968, esta nova moeda comemorativa só foi cunhada e emitida em 1969, com base na autorização concedida pelo Decreto-Lei n.º 49001, de 10/5/69.

FICHA TÉCNICA - 10



Data: 1969 (emitida em 1970)

Escultor: A. Lucas (gravador)

Descrição: Anv. - «República Portuguesa» e valor facial separados por uma esfera armilar entre dois florões. Ao centro, o escudo nacional sobreposto à cruz de Cristo.

Rev. - «Vasco da Gama - 1464 / 1964», ladeando o busto de Vasco da Gama, à esq., de barba e capacete, em campo raiado. Por baixo, o nome do gravador A. Lucas, em cartela. Bordo com inscrição «V Centenário de Vasco da Gama».

Valor numismático: 1974 - 65\$00; 1985 - 600\$00.

FICHA TÉCNICA - 12



Data: 1972 (emitida em 1972).

Escultor: M. Norte, sobre desenho de João Abel Manta.

Descrição: Anv - «República Portuguesa» e valor facial. Ao centro, uma estilização das quinas nacionais sobre a esfera armilar.

Rev. - «Banco de Portugal 1846 - 1971». Ao centro, uma árvore. Lateralmente os nomes dos autores, J.A. Manta, des. e M. Norte scul. No bordo, a inscrição «CXXV Aniversário do Banco de Portugal».

Valor numismático: 1974 - 130\$00; 1985 - 700\$00.



Data: 1972

Escultor: M. Norte de Almeida

Descrição: Anv. – «República Portuguesa» e «50 Escudos» entre florões. Ao centro, Os Lusíadas, sobre as pontas de quatro escudetes de quinas, virados para o centro e entre ornatos renascentistas. Junto à bordadura, o nome do escultor, M. Norte.

Rev. – «IV Centenário da Publicação de os Lusíadas». Ao centro, uma figura feminina, alada, de corpo inteiro e perfil à esq., portando uma pena e uma coroa de louros, sobrepondo-se a uma harpa. Lateralmente, «1572 / 1972». Bordo serrilhado

Valor numismático: 1974 – 80\$00; 1985 – 600\$00.

5.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE VASCO DA GAMA (1969)

Solução idêntica à da moeda anterior, pelo aproveitamento do busto de Vasco da Gama que se encontra representado num outro medalhão existente no Mosteiro dos Jerónimos, foi também seguida na escultura numismática da segunda moeda desta série, cuja emissão foi aprovada por despacho de 7 de Maio de 1969, do Secretário de Estado do Tesouro, com base numa sugestão apresentada pela Comissão Executiva dessas celebrações.

Emitidas em Outubro de 1970, com base no Decreto-Lei n.º 399/70, de 12 de Agosto, estas moedas apresentam a inovação de possuírem uma borda com uma inscrição gravada, em vez da clássica serrilha.

Como apontamento curioso, refira-se que, em Abril de 1969, quando se estudavam as características a atribuir às novas moedas de prata de 50\$00, a Casa da Moeda chegou também a considerar a emissão simultânea de um valor facial de 100\$00, contendo, precisamente, o dobro do valor intrínseco da moeda de 50\$00: módulo 37 mm; peso 26 gr.; toque 900 milésimas.

Se nos lembrarmos que, nessa altura, a cotação da prata fina era de cerca de 2\$00/grama, fácil é verificar – e registar – que a relação valor intrínseco/valor facial era, assim, de 46,8 % nas moedas de 50\$00. Um bom negócio para o Estado...

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO MARECHAL CARMONA (1969)

Sucediam-se as celebrações de efemérides centenárias nesse final dos anos sessenta. Em Janeiro de 1970, a Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do nascimento do marechal António Óscar de Fragoso Carmona apresenta ao Governo uma memória descritiva sobre a emissão de uma moeda e de uma medalha comemorativas, tendo como objectivo não só a própria comemoração, mas também o Estado auferia por essas emissões lucros que compensassem as despesas das celebrações.

Aprovada pelo Governo em Agosto de 1970, a cunhagem desta terceira moeda de 50\$00 só viria, contudo, a ser autorizada pelo Decreto-Lei n.º 311/71, de 17 de Julho, sendo emitida ainda nesse ano.

Na borda a inscrição originalmente planeada – Por Portugal Uno Indivisível – acabaria por ser substituída por outra, de grandes tradições históricas: POR PORTUGAL D' AQUÉM E D'ALÉM MAR.

125.º ANIVERSÁRIO DO BANCO DE PORTUGAL (1971)

Por proposta do Conselho Geral do Banco de Portugal, foi submetido ao Governo um projecto de emissão de uma moeda comemorativa do 125.º aniversário da fundação daquela instituição (1846/1971), sugestão aprovada por despacho do Ministério das Finanças, em 3 de Abril de 1971, vindo só a concretizar-se em meados de 1972.

Os desenhos da nova moeda foram da autoria do arquitecto João Abel Manta, que apresentou o seu projecto com uma interessante memória descritiva:

«Com o intuito de um certo retorno a uma tradição seiscentista, pretende-se uma moeda com bastante densidade escultórica, sobretudo na zona caligráfica.

«Numa face a legenda «República Portuguesa 50\$00», envolvendo uma interpretação sem grande fuga histórica das cinco quinas, sobre uma esfera armilar. Na outra face a legenda 'Banco de Portugal' 1846-1971 envolvendo uma estilização de uma árvore sobre a qual a legenda Banco de Portugal funciona como uma sugestão de folhagem».

«O símbolo de uma árvore de certo porte em crescimento pareceu adequado para um Banco de importantes tradições históricas, mas actualizado.»

4.º CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS» (1972)

A última moeda de prata desta série teve a sua emissão aprovada em Novembro de 1971, sob proposta da Comissão Executiva das comemorações do 4.º Centenário da publicação de «Os Lusíadas» (1572-1972), vindo a ser emitida só nos finais de 1972.

Com esculturas de Mestre Norte de Almeida, chefe da secção de gravura numismática da Casa da Moeda, constitui um caso muito especial na numismática mundial: é a única moeda conhecida que homenageia uma obra literária, um poema.

E de tal forma o faz, que «Os Lusíadas» aparecem retratados sobrepondo-se a quatro quinas com as pontas viradas para dentro, como que representando a confluência da lusa alma nacional na imortal obra do Épico.